



## **CAPITAL CULTURAL: A UTILIZAÇÃO DE DIFERENTES LINGUAGENS PARA UMA GEOGRAFIA ESCOLAR MENOS APÁTICA**

Lilian Renata Teixeira da Silva <sup>1</sup>  
Bárbara Gabrielly Silva Barbosa <sup>2</sup>  
Thomáz Augusto Sobral Pinho <sup>3</sup>  
Ana Cláudia da Silveira <sup>4</sup>

### **RESUMO**

O Capital Cultural, composto por diferentes linguagens que podem ser utilizadas dentro da sala de aula, como filmes, documentários, diversos gêneros textuais, imagens, mapas entre outros inúmeros recursos, aguça a motivação dos alunos espantando o sentimento de apatia e desprendendo-os do livro didático como única fonte de conhecimento. Este artigo é fruto da análise quali-quantitativa de dados recolhidos a partir da realização de uma pesquisa investigativa sobre o perfil de apatia dos alunos durante as aulas de Geografia em uma escola de Referência em Ensino Médio (EREM). Assim, tem-se como objetivo destacar a relação entre o perfil de apatia dos alunos com a utilização, ou a falta dela, das diferentes linguagens na sala de aula, refletindo como a presença do capital cultural durante as aulas pode auxiliar na compreensão dos conceitos geográficos e torná-las menos apáticas. Para isso, foram realizadas observações diretas durante as aulas, juntamente com a aplicação de um questionário para os estudantes sobre as suas preferências em relação às aulas de Geografia.

**Palavras-chave:** Diferentes linguagens, Geografia escolar, Capital Cultural, Apatia.

### **INTRODUÇÃO**

O conceito Capital Cultural ganhou destaque pela obra *Les héritiers* dos autores Bourdieu e Passeron (1964), o qual foi utilizado para compreender a dimensão simbólica das diversas lutas entre os diferentes grupos sociais, entre elas a cultural. A palavra Cultura apresenta papel importante para a compreensão das lutas entre os

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, liliaan.teixeira@email.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, barbara236@live.com;

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Geografia - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pinhothomaz10@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutora em Geociências, Departamento de Geologia - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, anasilveira@gmail.com;



diferentes sujeitos entre os múltiplos espaços pela delimitação das distintas posições sociais.

Partindo do princípio que, no mundo contemporâneo, as práticas cotidianas das populações interessam à geografia por serem práticas espacializadas, que são complexas, fragmentadas, desiguais, diferenciadas, multiculturais, interculturais, desterritorializadas/reterritorializadas, organizadas em fluxos e redes, midiáticas e informatizadas, foi visto a necessidade de dar uma nova roupagem à geografia escolar para torná-la mais atraente aos olhos dos estudantes (CAVALCANTI, 2008).

Castellar e Vilhena (2011) oferecem uma nova perspectiva para o termo Capital Cultural quando se referem às diversas linguagens que podem ser usufruídas no processo de ensino-aprendizagem e que, antes de tudo, conseguem aumentar o interesse dos alunos pelo conteúdo, pois é considerado “não só a capacidade cognitiva, mas os aspectos afetivos e culturais, potencializando a aprendizagem significativa” (CASTELLAR e VILHENA, 2011, p.8).

A linguagem é articuladora de um sistema de signos e de valores em uma circunstância de comunicação particular (CHARAUDEAU, 2006). Nesse sentido, a utilização de diferentes linguagens dentro da sala de aula, que podem variar desde recursos audiovisuais como obras ficcionais e documentários aos diversos gêneros textuais, imagens e mapas, estimulam os alunos a interpretarem as diferenças entre o local em que vivem com outros de maior escala.

“Compreender a contemporaneidade que se transforma torna-se, assim, essencial para assegurar a legitimidade da Geografia na sala de aula, seja no âmbito acadêmico, seja no quadro curricular do ensino fundamental e médio” (LIMA e COSTA, 2012, p. 107).

Este artigo é fruto dos dados recolhidos a partir da realização de uma pesquisa sobre o perfil de apatia dos alunos durante as aulas de Geografia, aplicada na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Padre Nércio Rodrigues, localizada no Estado de Pernambuco. A partir dela foi visto que os alunos se sentem desestimulados quando a aula se resume apenas ao livro didático, pois percebem a falta da inserção de outras linguagens que tornariam a aula mais dinâmica e estimulante.

O ensino da Geografia permite estudar o mundo, suas configurações territoriais, organização do espaço e a apropriação pelos múltiplos povos, juntamente com seus interesses políticos e as diferentes relações com a natureza, parece claro que se deve



ajustar o indivíduo a esse meio em que vive. Para isso, é preciso possibilitá-lo a exercitar a crítica sobre o que acontece e reconhecer possibilidades para os objetivos que se quer alcançar (CALLAI, 2001).

Nesse contexto, dialogando com Cavalcanti (2008) e Alves (2015), quando se considera a Geografia indispensável a análise socioespacial percebe-se como ela vem se reestruturando e tornando-se uma ciência mais plural. Por um lado, reafirma seu objeto de estudo e análise, que é o espaço, mas, por outro, a Geografia torna-se mais consciente de que esta é apenas uma dimensão da realidade, trazendo as escalas global, regional e local para dentro da educação.

Diante da exposição do contexto, este trabalho busca analisar os resultados da pesquisa aplicada na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Padre Nércio Rodrigues, destacando a relação entre o perfil de apatia dos alunos durante as aulas de Geografia com a utilização, ou a falta dela, das diferentes linguagens na sala de aula, refletindo como a presença do capital cultural durante as aulas pode auxiliar na compreensão dos conceitos geográficos e torná-las menos apáticas.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas em artigos científicos, livros e revistas embasadas sobre as diferentes linguagens utilizadas dentro da sala de aula. Além disso, foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa através da aplicação de questionários e observações diretas no ambiente escolar, em que os dados obtidos foram posteriormente analisados e interpretados.

A instituição escolar selecionada para a aplicação da pesquisa e do levantamento de dados para este trabalho foi a Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Padre Nércio Rodrigues, instituição da Rede Pública Estadual de Pernambuco, situada no bairro de Linha do Tiro, Zona Norte do Recife, capital de Pernambuco.

A escola comporta nove turmas do Ensino Médio, sendo três turmas para cada série de ensino – 1º, 2º e 3º anos, funcionando no modelo de Educação Integral, com carga horária semanal de 45 horas aulas. Devido a disponibilidade de horários da professora, as turmas A, B e C do 2º ano foram escolhidas para participarem desta pesquisa, que foi realizada durante o segundo semestre letivo de 2019.



Inicialmente, foram realizadas observações durante as aulas de Geografia, havendo o acompanhamento de quatro aulas nas turmas A e B e duas aulas na turma C do segundo ano do Ensino Médio, a fim de perceber a interação entre os alunos com a professora, com os colegas de turma e com o conteúdo de Geografia.

Posteriormente, foi aplicado um questionário de múltipla escolha aos alunos das três turmas do 2º ano, que continha perguntas acerca das suas preferências no ambiente escolar, dando enfoque nos processos de ensino e aprendizagem na disciplina de Geografia. O questionário aplicado possuía questões com uma alternativa de resposta, apenas, e questões de múltipla escolha que davam a liberdade para que os educandos assinalassem quantas respostas achassem necessárias.

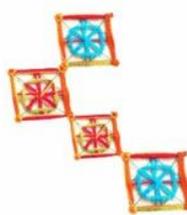
O questionário foi aplicado aos estudantes que se disponibilizaram a responder a pesquisa, totalizando a participação de 45 alunos. Participaram 19 de 27 alunos da turma A, 13 de 27 alunos da turma B e 13 de 29 alunos da turma C. Posteriormente, todas as informações coletadas durante a pesquisa foram agrupadas em tabelas do Excel, das quais foram gerados gráficos para análise e interpretação.

As perguntas respondidas pelos alunos e que serão analisadas neste artigo são: 1) Como você se sente nas aulas de Geografia na maior parte do tempo?; 2) Quais são os recursos didáticos que a professora de Geografia geralmente utiliza na maioria das suas aulas?; 3) Que recursos didáticos você gostaria que estivessem presentes nas aulas para torná-las dinâmicas e motivadoras?.

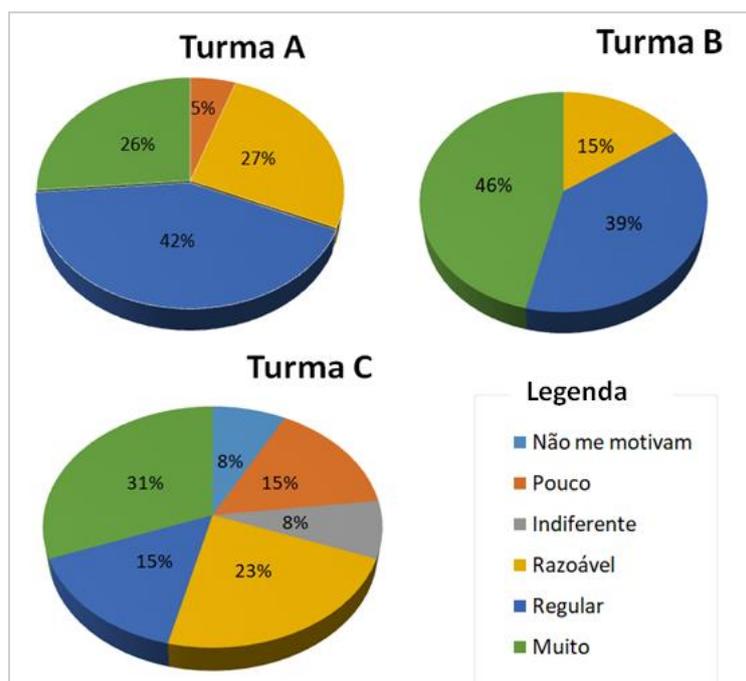
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partindo do princípio que “a relação dos jovens com a escola é permeada por múltiplos sentidos e significados, por sentimentos positivos e negativos” (LEÃO, DAYRELL, REIS, 2011, p.260). Os resultados obtidos na pesquisa realizada com alunos do segundo ano do Ensino Médio da EREM Padre Nércio Rodrigues foram analisados e expostos em gráficos.

Quando os alunos foram questionados sobre sua motivação nas aulas de Geografia, a maior parte dos alunos disse que se sentiam motivados (figura 1) e concordaram que as aulas despertam interesse e curiosidade.



**FIGURA 1** – Como você se sente motivado nas aulas de Geografia?



Fonte: Pesquisa aplicada (2019).

Os resultados positivos para essa questão corroboram com as observações diretas realizadas na sala de aula, onde é percebida a forma como a professora, que ensina nas três turmas, consegue transpor o conteúdo geográfico usando didáticas que facilitam a aprendizagem. Um aspecto bastante comum em suas aulas é o fato de trazer elementos próximos à realidade dos alunos como exemplos dos conteúdos que são trabalhados no livro didático. Afinal, a “sociedade que se expressa através de sua cultura, deve primeiro reconhecer o suposto corpo de conhecimento como conhecimento ensinável” (CHEVALLARD, 2013, p.8).

Nas aulas ocorre a preocupação para que os alunos consigam entender primeiramente a Geografia através dos aspectos encontrados em seu local de convívio para posteriormente as escalas serem aumentadas. Durante as observações diretas foi percebido que explicar os conceitos geográficos com exemplos próximos de suas realidades é o principal fator que estimula o interesse dos alunos.

Assim, como afirma Cavalcanti (2008, p. 20), a Geografia se inicia no local até chegar ao global:

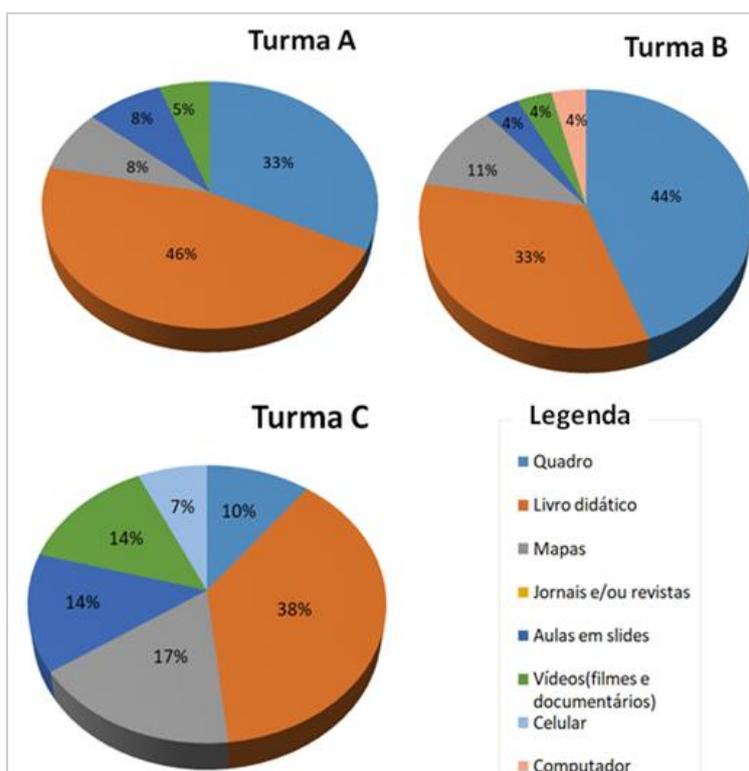
Existe também a preocupação em compreender a força do lugar: em outras palavras, a preocupação com os elementos do lugar



que lhe dão identidade e dão identidade aos que nele vivem; a preocupação com a autonomia, ainda que relativa, desses lugares - elementos que permanecem e persistem nos interstícios do espaço banal, do espaço cotidiano.

Após entender o contexto no qual a Geografia é ensinada, foi perguntado aos alunos quais são os recursos didáticos mais utilizados durante esse processo de ensino-aprendizagem (Figura 2), com o objetivo de saber quais linguagens estão sendo utilizadas dentro da sala de aula e investigar uma possível causa para compreender melhor as repostas da primeira questão que demonstraram pouca motivação nas aulas de Geografia (ver Figura 1).

**FIGURA 2** – Quais são os recursos didáticos utilizados na maioria das vezes pela professora nas aulas de Geografia?



Fonte: Pesquisa aplicada (2019).

De acordo com Souza (2007, p. 111), “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo



professor a seus alunos”. Conforme a Figura 2 percebe-se que o livro didático e o quadro são majoritariamente as ferramentas mais utilizadas nas três turmas.

Ferreira (2010) afirma que o conceito de apatia é entendido pela falta de emoção, motivação ou entusiasmo. Compreende-se, então, que para os alunos que se sentem pouco motivados, apenas exemplos e explicações que se aproximam de suas realidades ainda não conseguem extinguir completamente o sentimento de apatia durante as aulas.

Esse sentimento é fortalecido na medida em que são utilizados, na maioria das vezes, apenas o livro didático e o quadro como elementos didáticos.

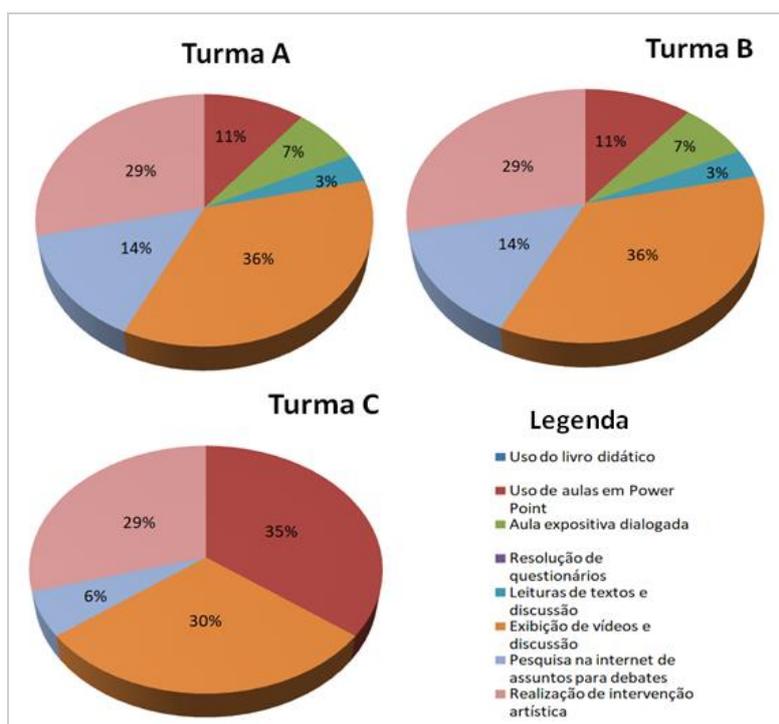
Deve-se destacar que a apatia presente no ensino de Geografia contribui para que ela não alcance um de seus objetivos principais, que é o de contribuir para que, tanto alunos quanto professores, enriqueçam suas representações sociais e o conhecimento das dimensões social, natural e histórico do espaço (MENDES e SCABELLO, 2015, p.40).

Na sala de aula, o espaço geográfico pode ser representado através de diferentes linguagens como cartas, plantas, croquis, mapas, globos, fotografias, imagens de satélites, gráficos, perfis topográficos, textos, maquetes e outros meios que auxiliam na motivação e estímulo dos alunos quanto à disciplina (FRANCISCHETT, 2004).

Esses elementos são os componentes do Capital Cultural, no qual Castellar e Vilhena (2011, p.65) afirmam que “se o objetivo das aulas, entre outros, é ampliar a capacidade crítica do aluno, é preciso propor situações em que ele possa confrontar ideias, questionar os fatos com argumentos e, ao mesmo tempo, facilitar-lhe o acesso aos vários gêneros de texto e linguagens.”

Na escola, foi observada a pouca utilização das diferentes linguagens dentro do ensino da Geografia. A partir desta observação, os alunos foram questionados sobre quais ferramentas que eles gostariam que a professora utilizasse durante as aulas (Figura 3). Afinal, “para compreender a atitude de apatia dos estudantes nas aulas de Geografia, deve-se reportar ao caráter conservador e classificatório desta, enquanto disciplina escolar” (MENDES e SCABELLO, 2015, p.41).

**FIGURA 3** – Que recursos didáticos você gostaria que estivessem presentes nas aulas para torná-las dinâmicas e motivadoras?



Fonte: Pesquisa aplicada (2019).

De acordo com os resultados expostos na Ilustração 3, pode-se comprovar que as turmas A e B tiveram o mesmo resultado quanto aos recursos que gostariam de estudar em sala de aula. A exibição de materiais de linguagem audiovisual como vídeos, filmes e documentários e que tivessem como principal objetivo uma discussão, foi a opção mais votada pelos estudantes, sendo seguida pela opção que destacava a realização de intervenções artísticas como pinturas, desenhos entre outros. Evidenciando as singularidades que cada turma pode apresentar, a turma C tem como preferência aulas projetadas no *Power Point*, nas quais podem ser incrementadas diversos recursos visuais que chamem a atenção dos educandos. A segunda opção mais votada foi a exibição de vídeos para uma futura discussão.

A partir das observações diretas em sala de aula percebeu-se que mesmo a maioria dos alunos se interessando pelos temas da Geografia e a aproximação dos conteúdos com o local de onde vivem, a frequente utilização do livro didático e quadro geram uma desmotivação para continuarem aprendendo. Neste ponto que entra a importância da utilização de diferentes linguagens. Ao serem confrontados com algo novo, fora do comum, dentro da sala de aula os estudantes saíam de suas zonas de conforto e seriam mais estimulados a pensarem diferente.



Dentro das possibilidades que compoem o Capital Cultural, o material mais votado pelos alunos das turmas A, B e C foi o recurso de audiovisual como filmes, documentários e videos. Santos e Kloss (2010), afirmam que esta linguagem é uma ferramenta importante para despertar atenção e estimular a curiosidade dos alunos, fazendo com que eles tenham a oportunidade de poder observar e destacar o que mais os chama a atenção, o que ficou claro ou não com esse material e colocar da maneira como entenderam em uma discussão ao final do audiovisual.

Os autores fazem um importante destaque ao se referirem à educação no contexto de mundo contemporâneo. Para eles:

Ensinar e aprender não deixam de ser desafios, pois há muitas informações, múltiplas fontes, visões diferentes de ver e entender o que ocorre no mundo. Educar hoje é mais complexo, pois a sociedade também é mais complexa e exigente, e as tecnologias estão ao alcance do aluno e do professor. Nesse caso, é preciso repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades e a definir o que compensa, juntos ou separados, para fazer das escolas uma nova área de aprendizagem (SANTOS e KLOSS, 2010, p.108).

Assim, concordando com Castellar (2005, p.220), quando diz que “pensar pedagogicamente os saberes geográficos numa perspectiva metodológica e significativa para os alunos implica desenvolver ações que reestrutrem os conteúdos, inovem os procedimentos e estabeleçam com clareza os objetivos.”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O principal objetivo desta pesquisa aplicada na Escola de Referência em Ensino Médio Padre Nércio Rodrigues, foi investigar e analisar o sentimento de apatia durante as aulas de Geografia, tendo como hipótese norteadora a utilização, ou não, de diferentes linguagens durante o processo de ensino-aprendizagem, na qual foi confirmada que a ausência do capital cultural influencia diretamente para o aumento do nível de apatia.

Após a conclusão da pesquisa e compilação dos resultados em gráficos, surgiram novas perguntas e inquietações acerca da presença do capital cultural nas escolas. Sua



importância dentro das salas de aulas é reforçada, pois acredita-se que a exposição às diferentes linguagens pode fortalecer nos alunos a capacidade crítica ao estimulá-los a irem em busca de novos conhecimentos, na internet, em filmes, documentários, jornais histórias em quadrinhos entre outras inúmeras possibilidades, desprendendo-se do livro didático como única fonte de conhecimento.

Porém, é certo que não se pode responsabilizar os professores pela ausência, ou baixa frequência, das diferentes linguagens na sala de aula, pois existem uma série de fatores que envolvem o meio escolar e que ainda pautam a forma como a maior parte dos docentes devem prosseguir atuando dentro das salas de aula. Não se pode também culpabilizar os alunos por estarem inseridos dentro de um sistema de ensino que promove, majoritariamente, aulas expositivas sem grandes perspectivas de mudança, favorecendo as chances para torná-las monótonas.

Assim, é necessária a continuidade de pesquisas referentes ao tema dentro das escolas, principalmente as que são integrantes da rede pública de ensino, por apresentarem os maiores níveis de apatia entre os estudantes. Com uma pesquisa, que pode, e deve, ser feita pelos próprios professores ao perceberem um notável desestímulo da turma concede a liberdade para que os alunos expressem suas preferências tornando visíveis suas necessidades.

É de grande importância também, que mesmo rodeados de impasses, os professores não desistam de acreditar no potencial transformador da educação nem desanimem com a baixa disponibilidade de recursos presentes em grande parte das escolas brasileiras.

Em sua grande maioria, os alunos não esperam grandes performances dos professores, atos simples como a discussão de uma notícia atual, um vídeo que viralizou na internet, uma análise dos populares memes e outras linguagens que contemplem temáticas geográficas já podem mudar completamente a dinâmica da aula, estimulando os alunos a compreenderem melhor o conteúdo e transcenderem a aprendizagem para fora dos muros da escola, tornando a Geografia escolar menos apática.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, C. C. E. Ensino de Geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica.



**GEOSABERES:** Revista de Estudos Geoeducacionais, vol. 6, núm. 3, Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil, 2015, p. 27-34.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **Les héritiers: les étudiants et la culture.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

CALLAI, H. C. **A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?** Terra Livre. São Paulo. n. 16. p.133-152. 2001. Disponível em:  
<<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/353>>. Acesso em: 02 setembro de 2020.

CASTELLAR, S. M. V. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar.** Cadernos Cedes, v. 25, n. 66, p. 209-225, 2005.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia Escolar e a Cidade.** Papirus Editora, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

CHEVALLARD, Y. **Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias.** Revista de educação, Ciências e Matemática, v. 3, n. 2, 2013.

FERREIRA, A. B.H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FRANCISCHETT, M. N. A cartografia no ensino-aprendizagem da Geografia. **BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação,** 2004.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. **Jovens olhares sobre a escola do ensino médio.** Cadernos Cedes, v. 31, n. 84, p. 253-273, 2011.

LIMA, F. A. F.; COSTA, F. R. **A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões.** Geografia Ensino & Pesquisa, v. 16, n. 2, p. 105-116, 2012.

MENDES, M. P. B. S.; SCABELLO, A. L. M. **As metodologias de ensino de Geografia e os problemas de aprendizagem: a questão da apatia.** Revista Form@re, Parfor/UFPI, v. 3, n. 2, 2015.

SANTOS, P. R.; KLOSS, S. **A criança e a mídia: a importância do uso do vídeo em escolas de Joaçaba-SC.** Unoesc & Ciência-ACHS, v. 1, n. 2, p. 103-110, 2010.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: "Infância e Práticas Educativas". **ArqMudi.** 2007.